



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**O IMPACTO DO *BULLYING* NA GESTÃO
ESCOLAR: ESTUDO DE CASO EM SEIS ESCOLAS
PÚBLICAS DE SANTA MARIA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Josiane Nicoloso Schlosser

São João do Polêsine, RS, Brasil

2011

**O IMPACTO DO *BULLYING* NA GESTÃO ESCOLAR:
ESTUDO DE CASO EM SEIS ESCOLAS PÚBLICAS DE
SANTA MARIA**

por

Josiane Nicoloso Schlosser

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de

Especialista em Gestão Educacional

Orientador: Prof. Elena Maria Mallmann

São João do Polêsine, RS, Brasil

2011

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**O IMPACTO DO *BULLYING* NA GESTÃO ESCOLAR: ESTUDO DE
CASO EM SEIS ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA MARIA**

elaborada por

Josiane Nicoloso Schlosser

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Elena Maria Mallmann, Dra. (UFSM)

(Presidente/Orientadora)

Simone Freitas da Silva Gallina, Dra. (UFSM)

Liliana Soares Ferreira , Dra. (UFSM)

Santa Maria, 17 de setembro de 2011.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

IMPACTO DO *BULLYING* NA GESTÃO ESCOLAR; ESTUDO DE CASO EM SEIS ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA MARIA

AUTORA: JOSIANE NICOLOSO SCHLOSSER

ORIENTADORA: ELENA MARIA MALLMANN

Data e Local da Defesa: São João do Polêsine/RS, 17 de setembro de 2011.

Os efeitos e os problemas que a violência denominada *bullying* causa são muito complexos. Esta pesquisa teve como objetivo conhecer as ações dos gestores escolares acerca do *bullying*, já que esse é um tipo de violência que causa muitos impactos na escola. Foi desenvolvido um estudo de caso envolvendo seis escolas públicas da cidade de Santa Maria, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas e estudo dos Projetos Pedagógicos e Regimentos Internos. Como resultados, percebe-se que os gestores das seis instituições pesquisadas estão muito preocupados em relação aos impactos do *bullying* desenvolvendo estratégias para minimizar seus efeitos. Destaca-se que os gestores indicam a necessidade de todas as escolas se prepararem para lidar com esse tipo de violência, especialmente compartilhando informações, divulgando as políticas públicas e buscando apoio de pessoal especializado. Desse modo, indica-se como ação necessária para as escolas pesquisadas a adequação dos Projetos Pedagógicos e Regimentos Internos fortalecendo a ideia de prevenção e combate a esse tipo de violência.

Palavras-chave: Ensino. Educação. Gestão Escolar. Violência. *Bullying*

RESUMEN

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

O IMPACTO DO *BULLYING* NA GESTÃO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO EM SEIS ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA MARIA

EL IMPACTO DEL *BULLYING* EN LA GESTIÓN ESCOLAR: ESTUDIO DE CASO EN SEIS ESCUELAS PÚBLICAS DE SANTA MARIA

AUTORA: JOSIANE NICOLOSO SCHLOSSER

TUTORA: ELENA MARIA MALLMANN

Fecha y sitio de la lectura: São João do Polêsine/RS, 17 de setiembre de 2011.

Los efectos y los problemas que la violencia nombrada *bullying* causa son muy complejos. Esta investigación tuvo como objetivo conocer las acciones de los gestores escolares en relación al *bullying*, ya que ese es un tipo de violencia que causa muchos impactos en la escuela. Fue desarrollado un estudio de caso en seis escuelas públicas de la ciudad de Santa María, y fueron realizadas encuestas algo estructuradas y un estudio de los Proyectos Pedagógicos y Regimientos Internos. Como resultados, se pudo percibir que los gestores de las seis escuelas investigadas están muy preocupados con los impactos del *bullying* y están desarrollando estrategias para disminuir sus efectos. Se destaca que los gestores refuerzan la necesidad de que todas las escuelas se preparen para lidiar con ese tipo de violencia, especialmente compartiendo informaciones, divulgando las políticas públicas y buscando apoyo de expertos en el tema. Así, se indica como acción necesaria para las escuelas investigadas una adecuación a los Proyectos Pedagógicos y Regimientos Internos para que haya un fortalecimiento en las ideas de prevención y en el combate a ese tipo de violencia.

Palabras clave: Enseñanza, Educación, Gestión Escolar, Violencia, *Bullying*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
Objetivo Geral	2
Objetivos Específicos	2
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	3
2.1 a Gestão Educacional e Escolar diante da Violência - <i>Bullying</i>	3
2.2 <i>BULLYING</i> – Conceito, características e Incidências	9
2.3 Consequências do <i>Bullying</i>	14
2.4 As vítimas, os agressores e os espectadores do <i>bullying</i>	15
2.5 A participação dos gestores no combate e identificação do <i>bullying</i>	17
3 METODOLOGIA	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
4.1 O conhecimento do <i>bullying</i>	30
4.2 <i>Bullying</i> : Ambientes e momentos	31
4.3 Nível de preocupação	32
4.4 Regimento Interno, PP e <i>Bullying</i>	32
4.5 <i>Bullying</i> ou brincadeira?	34
4.6 O papel do Gestor: Ação, Reação e Prática diante do <i>Bullying</i>	35
4.7 Problemas Psicológicos X <i>Bullying</i>	36
4.8 Papel da Escola X Papel da Família	37
4.9 <i>Bullying</i> : carências e Problemas da Educação em nosso país	38
4.10 Sujeito e Escola: dificuldades no enfrentamento do <i>bullying</i>	38
4.11 Rumos da Educação: prioridades estratégicas.....	40

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6 REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE - Questionário destinado aos gestores.....	49
ANEXO – Projeto bullying,.....	51

1 INTRODUÇÃO

Bullying é uma palavra bastante recente no nosso vocabulário, até porque não podemos encontrá-la ainda em nenhum dicionário de língua portuguesa. É uma palavra originária do inglês para designar um tipo de violência física ou psicológica, praticada por um ou mais indivíduos que exercem um tipo de poder ou liderança, e visa intimidar sempre aquele ou aqueles que são mais fracos, física ou psicologicamente e que não sabem ou não conseguem se defender.

É uma atividade consciente, pensada, arquitetada, e com o único objetivo de ferir, provocar medo pelas constantes ameaças, que podem ser de futuras agressões e que terminam por gerar terror nas vítimas. Afinal, quem nunca foi chamado de algum apelido maldoso ou ouviu algum comentário crítico em relação à aparência ou até ao modo de se comportar?

Segundo Coloroso (2004 apud ROLIM 2010, p. 25), o *bullying* inclui sempre três elementos: desequilíbrio de poder, intenção de ferir e ameaça de futura agressão.

Desequilíbrio de poder porque sempre o agressor estabelece uma relação de liderança em relação à vítima que não consegue ou não sabe se defender. Intenção de ferir porque as agressões são pensadas, premeditadas, com o intuito de ferir, humilhar, e ameaça de futura agressão porque esse tipo de violência nunca é ocasional, sempre é feito de maneira repetitiva, para que cada vez mais a vítima se sinta intimidada e impotente para reagir e relatar o que está acontecendo.

A justificativa e o interesse para realizar esta pesquisa decorrem do fato de que ainda há muitas dúvidas e uma grande lacuna em relação ao que pensam e como estão preparados gestores e educadores, e também a própria Escola em relação aos problemas oriundos do *bullying*. É verdade que a Escola não pode se encarregar de todos os aspectos da formação de seus alunos, mas é indesculpável que não faça tudo o que estiver ao seu alcance. As situações de violência não devem passar impunes e as agressões não podem ser ignoradas.

Sabe-se que o assunto é muito complexo, mas gestores e educadores precisam estar totalmente comprometidos com o que acontece no ambiente

escolar, e essa forma de violência está dentro do espaço educativo. Então, pela necessidade de preencher a lacuna dos estudos a respeito do que pensam gestores e educadores sobre as características, os efeitos e as formas de enfrentamento do *bullying* na escola desenvolveu-se um estudo de caso cujos passos e resultados serão apresentados a seguir.

Objetivo Geral: Conhecer as ações de gestores escolares na prevenção e combate ao *bullying*.

Objetivos específicos:

- **Verificar nos Projetos Pedagógicos e Regimentos Internos como está proposta a prevenção e combate ao *bullying*.**
- **Verificar os desafios da escola no combate ao *bullying*.**

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Gestão Educacional e Escolar diante da Violência – *Bullying*

Gestão é administração, é tomada de decisão, é organização, é direção. Relaciona-se com a atividade de impulsionar uma organização a atingir seus objetivos, cumprir sua função, desempenhar seu papel. Constitui-se de princípios e práticas decorrentes que afirmam ou não os princípios que as geram. Estes princípios, entretanto, não são intrínsecos à gestão como a concebia a administração clássica, mas são princípios sociais, visto que a gestão da educação se destina à produção humana. A gestão da educação é responsável por garantir a qualidade de uma “mediação no seio da prática social global” (Saviani, 1980; 120), que se constitui no único mecanismo de hominização do ser humano, que é a educação, a formação humana de cidadãos. Seus princípios são os princípios da educação que a gestão assegura serem cumpridos – uma educação comprometida com a “sabedoria” de viver junto respeitando as diferenças, comprometida com a construção de um mundo mais humano e justo para todos os que nele habitam, independentemente de raça, cor, credo ou opção de vida (FERREIRA, 2002, p.36).

A expressão Gestão Educacional evidenciou-se a partir da década de 1990 e vem se afirmando no âmbito da administração da educação e também dentro das instituições e organizações que pesquisam e pensam a educação. Esse conceito exprime a responsabilidade pela direção e pela garantia da qualidade da educação e do processo educacional em todos os níveis do ensino e da escola. Também se pode afirmar que esse conceito cresce junto com a necessidade de melhoria da qualidade de vida e de desenvolvimento das comunidades, fatos que poderão fazer de nosso país uma nação desenvolvida, já que sem educação não há desenvolvimento.

Claro que, para que isso seja possível necessita-se que haja priorização da educação, que haja investimentos nos sistemas de ensino, nas escolas, nas pessoas que nela atuam. A Gestão Educacional atualmente é primordial, mesmo quando fazemos referência à gestão em âmbito macro, que é a que se refere aos órgãos superiores dos sistemas de ensino, ou em âmbito micro, que se refere às escolas.

Gestão Educacional corresponde ao processo de gerir a dinâmica do sistema de ensino como um todo e de coordenação das escolas em específico, afinado com as diretrizes e políticas educacionais, para a

implementação das políticas educacionais públicas, para a implementação das políticas educacionais e projetos pedagógicos das escolas, comprometido com os princípios da democracia e com métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências) de participação e compartilhamento (tomada conjunta de decisões e efetivação de resultados), autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações) e transparência (demonstração pública de seus processos e resultados (LÜCK, 2006, p. 35-36).

Vê-se, então, que esses princípios de Gestão Educacional são orientados para o exercício da democracia, com a participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação, organização e planejamento da educação. Trata-se da participação de membros da sociedade e da comunidade escolar nos vários níveis e âmbitos das decisões necessárias e também na certificação da sua efetivação, ou seja, pessoas comprometidas com participação, com maior implicação em tomadas de decisões, com interações entre dimensões políticas e pedagógicas.

Do ponto de vista macro, falado anteriormente, verifica-se a necessidade de que ocorram modificações na organização e orientação da educação em nosso país, para que haja educação de qualidade que proporcione ao povo brasileiro não ficar à margem do desenvolvimento, e, que ele possa participar e contribuir nesse desenvolvimento. E do ponto de vista micro, ou da escola, falta uma visão global e uma percepção de que a participação de todos no processo geraria um compartilhamento de responsabilidades e assim, um maior comprometimento dos envolvidos no desafio de educar. A Gestão Educacional é o que permite e o que constitui uma ação conjunta de trabalho participativo em equipe, direção, coordenação, orientação, supervisão, professores, alunos, funcionários, alunos, pais e a comunidade onde esta escola está inserida.

Assim, se busca a partir da Gestão Educacional, uma Educação de Qualidade. Quais os caminhos que se deve percorrer? Para isso, estuda-se, lê-se, pesquisa-se, reflete-se todos os dias. Desse modo, a nível macro ou governamental, dever-se-ia ter projetos e políticas de Estado e não de governo, já que estas últimas preocupam-se em sanar problemas superficiais, momentâneos, e que na maior parte das vezes são esquecidas ou deixadas de lado quando outro mandato começa.

O sonho da Escola que proporcione um ensino de qualidade é um sonho que todos temos. Talvez ainda um pouco distante e depois de muito trabalho. Necessita-se de escolas integradas nas comunidades, preocupadas em conhecer seus membros e também o ambiente e necessidades de seus alunos, para que juntos, gestores, professores, funcionários e todo o ambiente escolar possam estar engajados na construção do PP, que representa o papel, o eixo, a realidade da escola. Para que isso aconteça, é fundamental que todos participem, para que a democracia seja exercida.

A Gestão Educacional deve preocupar-se em propiciar um ambiente voltado para o desejo de discutir e expressar diferentes opiniões, onde alunos, professores, direção, família, comunidade, pudessem participar de um processo de integração social dinâmico com troca de opiniões, sugestões críticas, ou troca de conhecimento, havendo com isso um enriquecimento no âmbito do saber e conviver.

O papel da escola, na formação para democracia e cidadania, é exatamente esse, onde todos se relacionem, onde se tenha um lugar onde todos participem da formação desses alunos-cidadãos, pois a necessidade de participação faz com que se caminhe para a implantação da verdadeira democracia, onde cada um possa ter e expressar sua opinião, suscitando, com isso, discussões e debates sempre que possível.

É difícil para a escola se encarregar de todos os aspectos da formação de seus alunos, mas é preciso fazer tudo que tiver condições de proporcionar a eles. Em relação ao tipo de violência escolar denominada *bullying*, não se pode deixar de pensar nessa relação de poder, onde pessoas possam se achar as donas da verdade, mais perfeitas e belas que as outras, ou mais inteligentes, ou seja, que tenham mais poder que outras, e que isso justifique que possam agredir verbalmente, psicologicamente ou fisicamente alguém.

Quando se fala em gestão democrática e em descentralização do poder deve-se salientar que todos têm direitos iguais e que na busca da formação de cidadãos conscientes e críticos deve-se lutar para que abusos e agressões não aconteçam.

O tema da violência é muito significativo, já que vivemos em um país cheio de desigualdades sociais que, infelizmente, geram situações de

agressividade e indisciplina, por albergarmos alunos em nossas escolas carentes de uma bagagem de educação familiar, por isso, o desafio de superar essas dificuldades em sala de aula para ter um clima propício à aprendizagem e à convivência com os colegas é cada vez mais difícil. Acredita-se que somente com uma conscientização feita de forma muito eficiente, por parte dos educadores, poderemos ter alguns progressos em relação ao tema da violência-*bullying*, já que se sabe que se precisa de ajuda de todos os lados, governamental, da sociedade em geral e, de todos nós.

Santos (2006) defende que não se pode fazer referência a gestão democrática sem fazer uma análise das bases que fundamentam este tema, sendo elas a epistemológica, a política e a pedagógica, as quais caminham juntas, cruzando-se em todos os momentos e dependendo uma da outra para formarem um todo e justificar o seu objetivo, que é o de explicar o que é gestão democrática.

Segundo a autora, as bases epistemológicas estão fundamentadas em paradigmas que nos levam a identificar duas concepções: a técnico-científica e a sócio crítica. A primeira reflete uma educação hierarquizada, e dual, em uma relação de poder e autoridade, o professor é o senhor, é o que “manda” na aula, e o aluno é meramente um espectador. Há aqui uma relação de poder e submissão.

Santos (2006) salienta que nesta concepção há uma relação de poder piramidal, onde quem aparece no pico da pirâmide é o que detém o poder, e quem aparece na base tem o menor poder de decisão. Assim, há os técnicos que escolhem os caminhos, as estratégias que a escola deve seguir, sem nenhuma tomada de conhecimento das necessidades reais das escolas inseridas em seus contextos.

Já a concepção sócio crítica deve basear-se na tese de que o homem é aquele que cria, que gera a realidade social e passa a ser o transformador de seu contexto. Assim, não deve existir hierarquia, todos devem participar: direção, coordenação, alunos, funcionários, pais e comunidade, propondo mudanças, soluções, adequação à realidade da escola e ao lugar onde está inserida, onde todos podem fiscalizar as ações realizadas.

Por exemplo, o professor passa conhecimentos, mas também escuta o aluno, ouve suas necessidades e também aprende com ele. É uma relação de troca, onde todos participam e podem se manifestar. Assim, a gestão da educação deverá adotar um desenho circular, símbolo de que haverá uma relação entre todos os envolvidos na educação, enfatizando a participação de todos os segmentos, sendo em opiniões, votos, proposta de solução de problemas, acompanhamento e execução de ações, etc.

Só assim acontecerá uma gestão democrática. Isso também deve acontecer no campo político, já que as políticas públicas devem estar voltadas para as necessidades reais dando autonomia às escolas, pois os problemas e carências não são os mesmos em todos os lugares. Segundo Azevedo (2001, apud Santos 2006), deve haver uma descentralização, dando poder à participação cidadina em nível local, para que esse poder local viabilize os espaços para que se criem novas relações entre a sociedade e o Estado, para que haja participação da comunidade na gestão.

Já em relação às bases pedagógicas, para que aconteça uma gestão democrática é preciso participação e autonomia, para que a escola possa garantir o processo de formação da cidadania, que envolve não somente o aprendizado de conteúdos, mas sim um aprendizado para a vida, formando sujeitos conscientes e críticos, aptos na busca por um mundo melhor e autores de desenvolvimento do país e lugar onde vivem.

O jornal *Diário de Santa Maria* exibiu em sua capa, no dia 8 de fevereiro de 2011, a seguinte manchete: Agora é lei: escolas têm de combater o *bullying*, e esclarece na reportagem que o prefeito Cezar Schirmer sancionou, no dia 14 de janeiro, uma lei municipal contra a prática do *bullying*, com o objetivo de combater a violência física e psicológica nas escolas públicas e privadas de Santa Maria. Portanto, gestores educacionais ou gestores escolares não podem ficar indiferentes a esse problema.

A violência entre os seres humanos não é um fenômeno novo. Desde o início dos tempos o homem exerce e foi alvo de violência. No Brasil, a desigualdade social faz com que os índices de violência aumentem a cada dia que passa. Vivem-se situações de conflitos em todos os lugares e isso acontece também dentro das escolas onde crianças e adolescentes passam parte

significativa do dia e noite. Infelizmente, a sociedade tem sido um pouco indiferente a pessoas socialmente fragilizadas e que muitas vezes adotam condutas violentas como proteção ou imitação. A violência nas escolas é um problema que diretores, coordenadores, orientadores, professores e alunos ainda não sabem como lidar, se é que estamos diante de algo que algum dia será totalmente sanado.

Além disso, os meios de comunicação fomentam atos violentos, já que muitos desenhos animados fazem com que seus personagens utilizem a violência para conseguir o que querem, apesar de às vezes serem atos nobres ou heroicos, como salvar um amigo ou mesmo salvar o planeta. A televisão tem um grande poder de sedução, e as crianças imitam o que visualizam e interpretam nesses programas e muitas vezes para elas a violência é “algo normal”, e assim se utilizam dela como uma arma para conseguir seus intentos.

Por isso, educadores e responsáveis pelas políticas públicas voltadas à educação precisam sempre estar atentos em prevenir a violência. É indispensável uma intervenção educativa contra a violência, seja ela manifestada de qualquer maneira, buscando-se uma sociedade mais justa e igualitária.

Educadores precisam saber que através da educação pode-se passar às crianças valores como a compaixão, a dor do seu semelhante, a valorização da própria vida e também a dos outros. Educadores são responsáveis por passar valores, normas, modelos de conduta, que serão interiorizados e formarão a personalidade de indivíduos.

Prevenindo e intervindo, o educador pode evitar situações de desvio ou risco, de forma a mudar o contexto de violência, influenciando comportamentos adequados à vida em sociedade, e deverá exercer influências positivas nos indivíduos.

Sabe-se que muitas vezes a família que deveria ser o núcleo principal de educação delega esse papel para a escola, apesar de que se percebe que nenhuma instituição poderá jamais substituir o papel que a família deveria exercer. Por isso, a tarefa é ainda mais difícil.

Desse modo, precisa-se de políticas públicas que diminuam a desigualdade social, que se preocupem em proporcionar uma vida digna ao

povo, porque sem educação nada pode ser construído. Assim como gestores escolares devem manter a escola dentro das normas do sistema educacional, deve-se valorizar a qualidade do ensino, o projeto pedagógico. É primordial uma gestão democrática com a participação da comunidade. Uma escola deveria estar sempre rodeada de alunos, pais, lideranças de bairro, enfim, de todos aqueles que formam e fazem parte daquela comunidade, para que todos conheçam os problemas e possam empenhar-se em solucioná-los.

Segundo BRANDÃO (2002, p. 63-64),

Toda educação sonha uma pessoa. Sonha mesmo um tipo de mundo realizado através de diferentes categorias de interações entre pessoas. E uma diferença importante entre as propostas e os processos dos diferentes projetos de criação de pessoas, através do ofício de educar, está na maneira como cada um dos ideários pedagógicos possíveis pensa e faz interagirem estas perguntas fundadoras que os gregos e outros nos deixaram: que tipo de mundo criar, manter ou transformar? Como e através de quem? Que pessoas podem e como poderiam realizar isto? Qual lugar e o alcance da educação em tudo isso?

Todos nós sonhamos nossos alunos, ou ousamos sonhar que ajudaremos a criar e formar pessoas melhores, conscientizando para a diversidade, para as diferenças, para as desigualdades sociais, para a aceitação do outro e para o fato de que o homem é um ser que necessita de relações, e que é preciso cada vez mais humanizar a realidade que vivemos.

2.2 BULLYING – Conceito, características e Incidências.

“A expressão inglesa *bullying* encontra dificuldades para ser traduzida. Muitas tentativas já foram realizadas e sempre produziram reduções semânticas que descaracterizam o fenômeno denotado pela expressão original”. Rolim (2010, p. 19-22). Segundo esse autor, no Brasil o termo mais usado é intimidação.

De acordo com Debardieux (2001) estudos realizados em países de língua inglesa encontraram dificuldades em definir a multiplicidade de conflitos presentes no interior da escola, pois em inglês *violence* se refere apenas à violência física. Assim, os pesquisadores resolveram convencionar o termo *bullying* para descrever grande parte das violências que ocorrem dentro dos colégios e dependências escolares.

Conforme Rolim (2010, p.20), o interesse por este fenômeno então denominado *bullying* começou no final dos anos 70, nos países escandinavos, principalmente com o professor Dan Olweus, quando três adolescentes noruegueses cometeram suicídio em circunstâncias que levavam à suspeita de *bullying*. Assim, foi solicitado pelo Ministério da Educação que Dan Olweus fizesse uma pesquisa e um programa específico para o combate do fenômeno. O resultado desse trabalho, conhecido como “Programa Olweus de prevenção ao *bullying*”, desenvolvido na Universidade de Bergen tem sido aplicado até os dias de hoje em todo o mundo, e integra os planos governamentais da delinquência e da violência em vários países.

Segundo Rolim (2010, p. 21), as várias formas de violência sofridas por crianças e adolescentes seguem sendo, em larga medida, desconhecidas ou subestimadas em todo o mundo. No Brasil, o *bullying* ainda não é considerado um problema de especial importância, mesmo quando se sabe que o sucesso do aprendizado passa pela libertação da criança ou do adolescente do medo provocado pelo *bullying*, e enfrentá-lo passa a ser um desafio para os gestores.

SILVA (2009, p.13) relata que:

Alunos brincam, “zoam”, colocam apelidos uns nos outros, tiram “sarro” dos demais e de si mesmos, dão muitas risadas e se divertem. No entanto, quando as “brincadeiras” são realizadas repletas de “segundas intenções” e de perversidade, elas se tornam verdadeiros atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um. (...) Quando apenas alguns se divertem à custa dos outros que sofrem, isso ganha outra conotação, bem diversa de um simples divertimento.

Atualmente, através dos meios de comunicação, informações que nos chegam a todos os momentos, da forte divulgação a respeito desse tipo de violência, torna-se mais fácil identificar esses atos provocados por crianças e adolescentes. Mas, é preciso estar atento. O que antigamente não se denominava, ou não se tinha definição ou considerado normal, “coisa de criança”, agora tem nome. Ainda usa-se no Brasil o termo em inglês, mas felizmente pode-se nominá-lo, e é facilmente reconhecido: *bullying*.

PEREIRA (2002, p.18) diz que:

É a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita o que diferencia o *bullying* de outras situações ou comportamentos agressivos, sendo três os fatores fundamentais que normalmente o identificam: 1) o mal causado a outrem não resultou de

uma provocação, pelo menos por ações que possam ser identificadas como provocações. 2) as intimidações ou a vitimização de outros têm caráter irregular, não acontecendo apenas ocasionalmente. 3) geralmente os agressores são mais fortes (fisicamente), recorrem ao uso de arma branca, ou tem um perfil violento e ameaçador. As vítimas frequentemente não estão em posição de se defenderem ou de procurar auxílio.

É preciso fazer uma análise cuidadosa e atenta desse tipo de agressão para um veredito consciente, afinal, *bullying* ou brincadeira? O maior problema segundo os educadores pesquisados e a bibliografia consultada, é que na maioria dos casos leva-se muito tempo para fazer os diagnósticos, pois muitas vezes as vítimas do *bullying* não se defendem porque não sabem ou não conseguem se defender, e também não denunciam porque tem medo das represálias.

Conforme a wikipedia, esse tipo de violência chamada *bullying* é descrita pelo cientista sueco Dan Olweus, em três formas essenciais: o comportamento é agressivo e negativo; o comportamento é executado repetidamente e o comportamento ocorre num relacionamento onde há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

O *bullying* divide-se em duas categorias: *bullying* direto, que é a forma mais comum entre os agressores (*bullies*) masculinos e *bullying* indireto, também conhecido como agressão social, que é a forma mais comum em *bullies* do sexo feminino e crianças pequenas, e se caracteriza por forçar a vítima ao isolamento social. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/bullying>)

Esse isolamento é obtido através de uma vasta variedade de técnicas que são descritas na wikipedia e que podemos constatar a seguir: “a) espalhar comentários maldosos; b) recusar a socialização com a vítima; c) intimidação às outras pessoas que desejam se socializar com a vítima; d) criticar o jeito e o estilo de vestir (incluindo a etnia da vítima, religião, incapacidades etc.); e) insultar a vítima; f) acusar sistematicamente a vítima de não servir para nada; g) ataques físicos repetidos contra uma pessoa, tanto contra o corpo dela ou propriedade; h) interferir com a propriedade pessoal de uma pessoa, livros ou material escolar, roupas, etc, danificando-os; i) espalhar rumores negativos sobre a vítima; j) depreciar a vítima sem qualquer motivo; l) fazer com que a vítima faça o que ela não quer, ameaçando a vítima para seguir as ordens; m) colocar a vítima em situação problemática com alguém (geralmente, uma

autoridade), ou n) conseguir uma ação disciplinar contra a vítima, por algo que ela não cometeu ou que foi exagerado pelo *bully*; o) fazer comentários depreciativos sobre a família de uma pessoa (particularmente a mãe) ou sobre o local de moradia de alguém, aparência pessoal, orientação sexual, religião, etnia, nível de renda, nacionalidade ou qualquer outra inferioridade depreendida da qual o *bully* tenha tomado ciência; p) isolamento social da vítima; q) usar as tecnologias de informação para praticar o “*cyberbullying*” (criar páginas falsas sobre a vítima em sites de relacionamento, de publicação de fotos etc); q) chantagem, expressões ameaçadoras ou grafitagem depreciativa; r) usar de sarcasmo evidente para se passar por amigo (para alguém de fora) enquanto assegura o controle e a posição em relação à vítima.” (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/bullying>).

Ainda encontram-se escolas que afirmam que não ocorrem casos de *bullying* em seu interior, mas se poderia pensar que talvez não saibam o conceito ou negam sua existência, em uma tentativa de minimizar ou esconder o problema.

Sabe-se também que o assunto ao ser largamente exposto na mídia fez com que escolas em várias partes do mundo realizem programas para desencorajar a prática, com projetos, treinamento de professores e de alunos para que não compactuem com a agressão feita pelos colegas e possam contribuir para que o problema venha a ser diminuído.

O *bullying* pode acontecer em qualquer lugar onde pessoas se encontrem e interajam, ou seja, na vida em sociedade propriamente dita, em lugares como escolas, universidades, famílias, entre vizinhos e em locais de trabalho. Nas escolas, o *bullying* acontecerá na grande maioria das vezes em lugares onde não há vigilância de professores ou monitores que possam coibir ou orientar, geralmente no pátio, em horários de intervalo, ou também nos arredores da escola, quando esses alunos se encaminham para suas casas.

Segundo informações encontradas no Space Blog: “dado que a cobertura da mídia tem exposto o quanto disseminada é a prática do *bullying*, os jurís estão agora mais inclinados do que nunca a simpatizar com as vítimas. Em anos recentes, muitas vítimas têm movido ações judiciais diretamente contra os agressores por “imposição intencional de sofrimento emocional”, e incluindo

suas escolas como acusadas, sob o princípio da responsabilidade conjunta. Vítimas norte-americanas e suas famílias têm outros recursos legais, tais como processar uma escola ou professor por falta de supervisão adequada, violação dos direitos civis, discriminação racial de gênero ou assédio moral”.(Disponível em: <http://bullying.spaceblog.com.br/856302/condenacoes-legais/>).

Os educadores precisam estar informados e necessitam também admitir que a Escola é um lugar muito propício para a prática do *bullying*. Assim que informar os alunos através de palestras, filmes e mesmo relatos entre os próprios alunos ajudarão a prevenir e a diminuir a prática. Há uma série de atividades que podem ser trabalhadas e feitas em sala de aula, para orientar e esclarecer sobre o problema com os alunos. Pode ser tema de redação, de pesquisa, teatro etc.

De acordo com o Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul, SINEPE, “o papel do professor também passa por identificar os atores do *bullying* - agressores e vítimas. O agressor não é assim apenas na escola. Normalmente, ele tem uma relação familiar onde tudo se revolve pela violência verbal ou física e ele reproduz o que vê no ambiente escolar. Já a vítima costuma ser uma criança com baixa autoestima e retraída tanto na escola quanto no lar. Por essas características, é difícil esse jovem conseguir reagir. Aí é que entra a questão da repetição no *bullying*, pois se o aluno reage, a tendência é que a provocação cesse”. (Disponível em: <http://sinepecontraobullying.blogspot.com/p/apresentacao.html>)

Com isso não se pode pensar que crianças e adolescentes não possam mais brincar dentro da Escola. O que deve acontecer é que educadores devem preocupar-se em fazer com que seus alunos possam distinguir entre uma brincadeira ou uma piada aceitável, sem intenção de magoar ou minar a autoestima do colega de uma agressão verbal, que poderá acarretar futuros traumas psicológicos. O professor precisa fazer com que o aluno reflita e se coloque no lugar do colega agredido.

Geralmente, a Escola é o palco para as primeiras agressões de um indivíduo que começa a praticar *bullying*, já que na maior parte das vezes é o lugar onde crianças começam sua socialização. Apesar disso, a Escola não tem como resolver sozinha esse problema. Os exemplos também precisam vir de

casa, com pessoas que não cultuem situações de violência. O professor deverá atuar como mediador, mas infelizmente não poderá tomar para si toda a responsabilidade. É preciso que haja um envolvimento de toda a escola, mas também da família e muitas vezes da comunidade.

De acordo com ARENDT (2002, p. 247)

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum

Segundo a autora citada acima, a educação é a base para a vida. É quando preparamos nossos alunos para a vida. E educadores são responsáveis pela formação de crianças e jovens, e muitas vezes exemplos que serão seguidos e repetidos por eles. Através da Educação pode-se ensinar e praticar a não violência e educar para uma convivência pacífica.

Palavras como estas também nos fazem pensar, refletir sobre as condições de educadores, e é cada vez mais importante que se saiba identificar os atos de *bullying*, e também saber que esses atos se configuram como ilícitos, não porque não estão autorizados pelo nosso ordenamento jurídico, mas por desrespeitarem princípios constitucionais (ex: dignidade da pessoa humana) e o Código Civil, que determina que todo ato ilícito que cause dano a outrem gera o dever de indenizar.

2.3 Consequências do *bullying*

Segundo Silva (2009, p.25), além dos agressores escolherem um alvo que se encontre em desigualdade de poder, este por si só já apresenta um quadro de baixa autoestima. A prática do *bullying* agravará esse problema já existente e poderá evoluir para quadros graves de transtornos psíquicos ou comportamentais que, muitas vezes acarretarão prejuízos irreversíveis.

Estes sintomas podem ser psicossomáticos, que se traduzem em sintomas físicos, como por exemplo, cefaleia, cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas, etc. Pode acontecer também o chamado

Transtorno do Pânico, que é um medo intenso e infundado, o indivíduo tem a nítida sensação da morte eminente. Pode aparecer também a Fobia Escolar, ou seja, medo intenso de frequentar a escola. O aluno termina por reprovar por faltas, problema que acarretará a evasão escolar. Além desses problemas ainda há a fobia social, depressão e muitos outros.

2.4 As vítimas, os agressores e os espectadores do *bullying*

É provável que o maior legado literário deixado pelos gregos tenha sido as tragédias. A tragédia grega é um tipo de drama em que um herói trágico luta contra um fator transcendental, que controla e determina o fluxo dos acontecimentos. A força desse fator é tanta que sempre se chega a um final trágico, no qual o herói sofre todas as consequências por desafiar e tentar mudar o poderoso destino. As tragédias costumam suscitar horror e piedade nos leitores ou espectadores e, por isso mesmo, podem ocasionar a chamada *catarse*, que é uma espécie de purificação através do sofrimento alheio. É justamente por essa característica que nos interessamos tanto pelos acontecimentos trágicos ocorridos na vida real (SILVA, 2009, p. 37).

Muitas vezes, seres humanos se deixam levar somente pelas emoções. São atraídos pela dor, pelo sofrimento alheio, como se estivessem compartilhando da tragédia, ou como se estivessem se solidarizando com o que estaria acontecendo. Como disse o autor citado anteriormente, é comum que espectadores sejam tomados pelo terror ou pela piedade, mas infelizmente crianças e adolescentes conseguem aterrorizar companheiros levados por um instinto de crueldade e desamor.

As vítimas do *bullying* são aquelas pessoas que não conseguem se relacionar com as outras, ou têm dificuldades para a socialização. São tímidas, reservadas e não conseguem reagir diante das provocações e dos comportamentos agressivos dirigidos contra elas. São indivíduos que apresentam alguma diferença, ou são considerados “diferentes”, já que são gordos, e aí são alvos de inúmeros apelidos como “baleia fora d’água”, “elefante”, “bolota”, etc. ou pelo contrário, muito magros, usam óculos, altos ou baixinhos, são “caxias” (os considerados muito estudiosos ou “crentes”), deficientes físicos, orelhas ou nariz um pouco mais destacados, enfim, qualquer coisa que fuja do padrão imposto pelo grupo onde estão inseridas.

Geralmente, essas crianças ou adolescentes passam de uma maneira muito evidente suas inseguranças, na forma de sensibilidade acentuada, ou são muito passivos, são submissos, não sabem dizer não, não conseguem brigar por seus direitos e sua vontade, normalmente apresentam baixa autoestima, dificuldade de se expressar e, por isso, tornam-se alvos fáceis e comuns dos ofensores.

Os agressores podem ser dos dois sexos. “Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico”. SILVA (2009, p.43). Pode agir sozinho ou em grupo, e quando está acompanhado se sente mais poderoso, já que o grupo o está apoiando, estimulando e rindo de suas atitudes, assim, tem seu território de ação potencializado e termina por produzir mais e novas vítimas.

Agressores muitas vezes culpam as vítimas, como se pode constatar por palavras retiradas de alguns próprios agressores, como, por exemplo:

“Se ele simplesmente deixasse de ser tão frágil...”
“Ele só precisa ser mais esperto.”
“Ela é atraente, não espera que os caras prestem atenção nela?”
“Se ele emagrecesse, não seria tão visado.”
“Ela faz a própria fama, agora só tem que deitar na cama.”
“Se ele não desse bola, eles parariam.”
“Concentre-se no seu trabalho, não deixe que eles lhe afetem.”
(MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007, p. 20).

Essas pessoas, além de tentarem minimizar seus atos culpando suas vítimas, normalmente, reagem de forma contrária a todas as normas, odeiam ou não aceitam ser contrariados ou frustrados. Esses jovens podem apresentar desempenhos regulares ou ruins, mas isso não significa que sejam deficientes intelectualmente ou que tenham problemas de aprendizagem. Muitas vezes o que falta é amor, afeto pelos outros. Essa falta de afetividade pode ter origem em vários fatores, não recebem amor ou carinho da família ou são oriundos de lares desestruturados, ou no próprio temperamento do indivíduo. É comum a falta de remorso diante das situações que provoca como maus-tratos a irmãos, coleguinhas, animais de estimação, empregados domésticos ou funcionários

da escola, e muitas vezes além de não sentir remorso apresentam satisfação ao realizarem os maus tratos.

Os espectadores são aqueles indivíduos que presenciam as agressões, já que estão ao lado dos agressores ou das vítimas, entretanto, não fazem absolutamente nada para defender o colega agredido, e também não se juntam ou ajudam os agressores. Esses espectadores podem ser passivos, quando assumem uma postura medrosa porque sentem medo ou temem se transformar na próxima vítima. São espectadores ativos, quando não participam das agressões, mas dão apoio moral aos agressores, dando risadas e palavras de incentivo.

Há ainda os espectadores neutros, que não demonstram sensibilidade aos colegas agredidos. É como se estivessem anestesiados emocionalmente, em função do próprio contexto social no qual estão inseridos, já que na maioria das vezes vivem em ambientes tão violentos que tudo acaba banalizando-se.

2.5 A participação dos gestores no combate e identificação do *bullying*

Sabe-se que é muito provável que o *bullying* venha ocorrendo há muito tempo nas escolas, mas em relação a isso não há comprovação científica.

Somente há pouco mais de trinta anos começou a ser pesquisado, estudado e tratado sob parâmetros psicossociais e científicos, e foi nomeado da forma pela qual é conhecido atualmente.

Segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, (ABRAPIA), no Brasil o tema só começou a aparecer a partir de 2000, quando Cleo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa bastante abrangente sobre o assunto. Essa pesquisa deu origem a um programa de combate ao *bullying* denominado “Educar para a Paz”, que foi colocado em prática no interior do Estado de São Paulo, no mesmo ano, logo após ser lançado. Assim, o tema começou a aparecer e as pessoas começaram a tomar conhecimento e a levar o assunto a debates públicos. (Disponível em: www.abrapia.org.com)

Entretanto, não se pode deixar de comentar que o atraso em identificar e enfrentar o problema foi bastante grande. Infelizmente, sabe-se que a ação das

escolas perante o *bullying* ainda está numa fase muito inicial. A maioria não está preparada para enfrentar a violência entre seus alunos ou entre os alunos e o corpo acadêmico. Isso se deve a desconhecimento dos educadores, omissão, comodismo, desmotivação por parte de gestores em função da desvalorização da classe em nosso país, e também, a uma dose de negação da existência do fenômeno.

Essa foi a principal razão desse trabalho de pesquisa. Tentou-se conhecer essa realidade, fazendo um estudo de caso em seis escolas públicas de Santa Maria, entrevistando gestores para perceber o verdadeiro papel do gestor escolar diante do *bullying* no interior de sua escola, já que se sabe que o papel dos educadores é fundamental para a detecção precoce dos casos de *bullying*. Segundo SILVA (2009, p. 165), “são os professores que mantêm a observação mais privilegiada das interações pessoais que ocorrem entre os alunos de uma mesma classe”.

Almeida e Mascarenhas (2006, apud MASCARENHAS, 2006, p.96) diz que

A atividade do magistério sempre foi considerada pela legalização como atividade penosa. Penosidade, no caso da docência é o que causa desgaste no organismo, de ordem física ou psicológica, em razão da repetição de movimentos, pressões e tensões psicológicas que afetam emocionalmente o(a) trabalhador(a) da educação. O desgaste emocional e psicológico dos docentes ao longo do exercício do magistério é, na maioria das vezes, ignorado pelos gestores da educação e até pelos docentes que acabam naturalizando a situação de exaustão e estresse na carreira como se fosse um ônus do ofício. É importante que os docentes sejam alertados acerca dos efeitos que a atividade em sala de aula em estabelecimentos de ensino onde o “*bullying*” e a indisciplina não sejam controlados pode provocar em sua saúde emocional ao longo dos anos.

Educadores são submetidos a situações que levam a um elevado nível de stress, situações de violência exigem preparo emocional e controle da situação, por isso esses gestores precisam estar preparados psicologicamente e muito bem informados para que possam contornar e controlar situações de emergência. É preciso coibir a violência, mas também é necessário educar pensando em preveni-la.

Hargreaves (2003, apud CAMPOS e JORGE, 2010, p.114), se refere com clareza:

O ensino é uma profissão paradoxal. De todos os trabalhos que são ou aspiram a ser profissões só do ensino se espera que crie as habilidades humanas e as capacidades que permitirão aos indivíduos e às organizações sobreviver e ter êxito na sociedade do conhecimento de hoje. Dos professores, mais do que de qualquer outro profissional, espera-se que construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades para a inovação, a flexibilidade e o compromisso com a mudança que são essenciais para a prosperidade econômica. Ao mesmo tempo, espera-se que os professores mitiguem e equilibrem muitos dos imensos problemas que a sociedade do conhecimento cria, tais como o consumismo excessivo, a perda da comunidade e o incremento da distância entre ricos e pobres. De alguma forma, os professores devem tentar alcançar essas metas aparentemente contraditórias de forma simultânea. Esse é seu paradoxo profissional.

Esse paradoxo que os educadores precisam enfrentar e solucionar não é uma tarefa fácil. Ao mesmo tempo que necessitam preocupar-se com a aprendizagem, já que essa seria a principal função de educadores, necessitam prevenir e coibir a violência. Existe aprendizado diante da violência?

O *bullying* se apresenta como um comportamento prejudicial ao desenvolvimento educacional na sala de aula, já que gera situações de desrespeito, tensão e medo. Segundo Campos e Jorge (2010, p.115) os educadores não têm despendido muitos esforços para o estudo e pesquisa desse tipo de violência, apesar de terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima. Até recentemente, poucas instituições de ensino reconheciam no *bullying* uma ameaça importante contra crianças, professores ou funcionários, sendo mais comum ignorar o comportamento e torcer para que acabasse as faltas às aulas, o baixo rendimento escolar, os problemas de concentração e de relacionamento social.

É comum a confusão entre o fenômeno *bullying* e as “brincadeiras” infantis, assim quando uma criança ou jovem se sentia humilhado ou perseguido era aconselhado a não dar bola, ou seja, ignorar, que aquilo passaria logo, assim o problema era minimizado ou desconsiderado tanto para a vítima como para o agressor. O *bullying* não deve ser caracterizado como uma brincadeira, visto que, como afirma Campos e Jorge (2010, p.115) a brincadeira é uma atividade ou ação própria da criança, voluntária, espontânea, delimitada no tempo ou no espaço, prazerosa, constituída por reforçadores positivos intrínsecos, com um fim em si mesmo, e tendo uma relação íntima com a criança.

Na compreensão de CAMACHO (2007, p.128)

a violência, na sua forma explícita de manifestação nas escolas, é combatida, criticada e controlada por meio de punições. Entretanto, a violência mascarada passa impune, ou porque não é percebida como tal e é confundida com a indisciplina, ou porque é considerada pouco grave, isenta de consequências relevantes, ou, finalmente, porque não é vista. Essa violência pode-se tornar perigosa porque não é controlada por ninguém, não possui regras ou freios e porque passa a ocorrer constantemente no cotidiano escolar. De tanto acontecer, ela passa a ser banalizada e termina por ser considerada “naturalizada”, como se fosse algo “normal”, própria da adolescência. A banalização da violência provoca a insensibilidade ao sofrimento, o desrespeito e a invasão do campo do outro.

A questão da banalização da violência é um problema que fatalmente pode acontecer, já que se vivem situações de violência em quase todos os ambientes escolares, e com muita frequência. Também, pode-se perceber, atualmente, ações inadequadas dos docentes e gestores para lidar com os problemas de violência, fruto da falta de orientação no contexto escolar e também nas formações inicial e continuada. Fato esse que acabou sendo comprovado no decorrer da pesquisa, conforme a entrevista feita aos gestores das escolas pesquisadas.

De acordo com Campos e Jorge (2010, p.116), os professores estão mais preocupados em cumprir suas funções didáticas e atender à necessidade de completar o cronograma de matérias e tarefas, ainda que os problemas resultantes da dinâmica social em que se insere a escola comprometam seus objetivos. Infelizmente, na maioria das vezes a pressão para que haja um cumprimento do cronograma de conteúdos é muito forte, e professores são obrigados a segui-lo.

Fante e Pedra (2008, apud CAMPOS e JORGE, 2010, p. 116)

Referem-se à prática de “*bullying*” por funcionários das escolas e outros educadores contra alunos, configurada na perseguição, intimidação, coação e acusação. Afirmam que os educadores comparam alunos, constrangem, chamam a atenção deles publicamente, mostram preferência a determinados alunos em detrimento de outros, humilham. Rebaixam a auto estima e capacidade cognitiva, agredem verbal e oralmente, fazem comentários depreciativos, preconceituosos.

Muitas vezes educadores mal preparados, pouco estimulados para desempenhar suas tarefas terminam repassando suas frustrações a seus

alunos e terminam acontecendo enfrentamentos com esses últimos, resultando numa relação pouco produtiva. Os meios de comunicação, como por exemplo, jornais e televisão, frequentemente noticiam casos de educadores que também são ameaçados, perseguidos, humilhados e até agredidos fisicamente por alunos. Muitos docentes têm medo de procurar a direção para relatarem seus problemas com o *bullying* sofrido, por medo de serem taxados de incompetentes, por não terem autoridade ou pulso com a turma, ou também pelo risco de serem qualificados como sensíveis em demasia.

Por todos esses motivos, e também porque todos os problemas são muito complexos decidiu-se levar esta pesquisa até os gestores e educadores para tentar saber como identificam, lidam e administram todos os problemas de violência, advindos do fenômeno *bullying*. Levando então essa pesquisa para o espaço educativo, considerando a necessidade de se preencher a lacuna dos estudos a respeito do que pensam gestores e educadores sobre as características, os efeitos e as formas de enfrentamento do *bullying* na escola.

As violências nas escolas parecem aumentar em frequência e gravidade como um problema transversal do ocidente. Esses fatos, em parte midiáticos e em parte submetidos à lei do silêncio, nas salas de aula, escolas e redes escolares, em parte têm raízes em diferentes escalas de valores das pessoas e grupos sociais, que se opõem pelos mais variados fatores. Costuma-se relacionar tais violências à rapidez das mudanças histórico-sociais, ao “mal-estar da civilização”, à “crise da escola”, à “desagregação da família” e a outros fatores. Entretanto, se o objetivo é encontrar soluções, é preciso levantar algumas questões básicas, conceitos, implicações para a gestão educacional e a dinâmica curricular. (GALVÃO e outros, 2010, p.426).

Quando se depara com as implicações para a gestão escolar, tem-se que pensar que a gestão escolar, é ao mesmo tempo, parte do problema e da solução.

Segundo GALVÃO e outros (2010, p.437)

A escola é autora, vítima e palco de violência. É autora quando pratica a exclusão social por meio de processos mais ou menos sutis, semelhantes a armadilhas, para uma parte dos alunos, produzindo e reproduzindo a exclusão social. É vítima, quando seus gestores e docentes são hostilizados, em parte como reflexo da violência que ela produz. É também vítima, quando o vandalismo se torna válvula de uma panela de pressão muito aquecida. Por fim, é palco de violência quando no seu ambiente se desenrolam conflitos entre os seus membros, e quando se torna também lugar de aprendizagem de violências.

O mundo mudou ao redor da escola, da mesma forma que seus alunos mudaram. É preciso que valores sociais, normas e limites aconteçam num ambiente de transparência. As imposições unilaterais, ou do lado do mais forte não são mais aceitas. Alunos reagem a isso, querem ser protagonistas e desejam também ser autores do processo de educação. É preciso que haja uma urgente conscientização de uma gestão democrática que pressupõe a participação, o diálogo e normas claras, explicadas, negociadas quando for preciso, e não mais o império da lei do que pensa que é o mais forte.

Alunos necessitam de uma nova dinâmica que associe práticas de ensino, conteúdos que precisam ser repassados e afeto. O professor precisa ser um companheiro, e não um ser que está longe e é inatingível. A escola já não é a mesma. Ainda bem... Ela precisa saber que seu papel mais importante passa pela conscientização de seus profissionais que devem estar preparados para diagnosticar, intervir e prevenir. É preciso disponibilizar espaços para que as crianças possam falar de suas emoções e sentimentos, que discutam, reflitam, para que haja interação social e que se encontrem soluções para as diversas situações da vida.

Pode-se dizer, com segurança, que nos casos de violência na escola, o educador é uma parte da engrenagem, mas é uma parte fundamental, já que ele precisa ver-se como uma pessoa capaz de transformar. É a figura que vai interferir na realidade, possibilitando que seus alunos enfrentem o mundo. Para isso, o educador precisa estar consciente do poder que exerce.

Segundo RUDIO (1983, p.52, apud KOELER, 2005, p. 37)

“(...) quando entra na sala de aula, o professor pode estar apenas interessado em ensinar, transmitir conhecimentos e informações, esclarecer sobre assuntos de sua matéria. Mas existe outro ensinamento que ele comunica quer queira quer não: a lição de si mesmo como pessoa humana. Isso significa que, quando vai dar aula, mais do que a notícia de sua matéria, ele está inevitavelmente se anunciando a seus alunos, quer deseje ou não, pelo seu modo de falar, de agir, embutido na entonação de voz, na maneira de gesticular, no modo como trata seus alunos, na forma de encarar suas obrigações profissionais, nos comentários que faz sobre o mundo, nas opiniões sobre valores como felicidade, amor, religião, etc. E é justamente aí que, de maneira mais profunda, se torna educador.”

A escola é o lugar onde todos compartilham vivências. Conforme KHOELER (2005, p. 37) “se o ser humano necessita do cordão umbilical para

sobreviver na barriga de sua mãe, a criança/adolescente necessita da ESCOLA, do PROFESSOR para sobreviver em condições decentes no mundo de hoje”.

Por isso, educadores precisam ter consciência de seu enorme papel, que é o de encaminhar esses jovens para que possam transformar o mundo onde irão viver e se desenvolver, longe da violência, ou pelo menos os ajudando e dando suporte para que possam enfrentá-la e sobreviver a ela.

3 METODOLOGIA

Segundo Comte (apud BORDIEU, 2005, pg.9), o método não pode ser estudado separadamente das pesquisas nas quais é utilizado; ou pelo menos, não passa de um estudo morto, incapaz de fecundar o espírito que se entrega a ele.

Tudo o que se pode dizer de real, quando o consideramos abstratamente, reduz-se a generalidades de tal forma imprecisas que estas não poderiam exercer qualquer influência sobre o regime intelectual. Quando estabelecemos firmemente, como tese lógica, que todos os nossos conhecimentos devem ser baseados na observação, que devemos proceder a partir dos fatos para chegar aos princípios ou a partir dos princípios para chegar aos fatos, e alguns outros aforismos semelhantes, ficamos conhecendo o método muito menos nitidamente do que aquele que, de maneira um pouco aprofundada, estudou uma única ciência positiva, mesmo sem intenção filosófica. (BORDIEU, 2005, p. 9).

Quando se pensa ou se reflete sobre os métodos de uma pesquisa, deve-se levar em conta que são muitos, variados, e que é preciso escolhê-los com muito cuidado. Deve-se fazer uma pesquisa quantitativa ou qualitativa? É possível usar os dois métodos em uma mesma pesquisa. Sabe-se que em relação à quantitativa se faz estudos cujos dados poderão ser analisados numericamente, baseia-se em planos originais e seus dados serão analisados e interpretados com mais amplitude. Em relação à qualitativa, descrevem-se cientificamente pessoas, acontecimentos, etc., sendo mais aberta e sensível ao sujeito. É a pesquisa que colhe e analisa a informação em todas as formas possíveis, excetuando a numérica. Tende a centrar-se na exploração de um limitado, mas detalhado número de casos ou exemplos que se consideram interessantes ou esclarecedores, e sua meta é conseguir profundidade e não amplitude.

As duas são úteis e válidas e não se excluem mutuamente. Esse tipo de pesquisa cada vez se populariza mais nas últimas décadas. O permanente debate a respeito de seus méritos relativos não é, no fundo e desde uma perspectiva mais geral, o debate entre o estatuto e as relações de poder dos diferentes tipos de pesquisa.

Esta pesquisa seguiu uma abordagem quase que em sua totalidade qualitativa, e foi desenvolvida através de um Estudo de Caso em seis escolas públicas na cidade de Santa Maria, através de entrevistas semi-estruturadas e conversas feitas com os gestores destas escolas. As entrevistas somente foram aplicadas aos respondentes que reafirmaram livre consentimento, expresso em documento (Termo de livre consentimento), assinado pelo próprio. Os encontros foram marcados em função da disponibilidade desses gestores.

Foi usada a modalidade de Estudo de Caso, já que esta tem como objetivo ilustrar uma argumentação, uma categoria ou uma condição. O uso dessa modalidade de pesquisa pode ser aplicado em diversas áreas de conhecimento, como a Psicologia, a Psicanálise, a Sociologia, a Ciência Política, o Direito, a Administração, entre outras.

Os Estudos de Casos mais comuns são os que focalizam apenas uma unidade: um único indivíduo (como os casos clínicos descritos por Freud), um pequeno grupo, uma instituição, um programa, ou um evento. Mas, também poderão ocorrer estudos de casos múltiplos, onde vários estudos serão conduzidos ao mesmo tempo.

Conforme Best (2005, p. 101), o processo de estudo se personaliza quando o foco de atenção se dirige a um caso ou a um limitado número de casos. O Estudo de Caso tem interesse em tudo àquilo que é importante na história ou no desenvolvimento do caso. A razão ou objetivo do estudo é compreender o ciclo vital, ou melhor, o que gera ou o eu está no centro do objeto de estudo, a parte mais importante desse ciclo, de uma ou algumas unidades individualizadas.

Essas unidades podem ser pessoas, famílias, grupos, uma instituição social ou toda uma comunidade. O Estudo de caso, como método, examina e analisa profundamente a interação dos fatores que produzem mudança ou crescimento.

Gonçalves (2009, p.158), afirma que no Estudo de Caso não há regras fixas, uma vez que é o caso que determina o direcionamento da pesquisa. O pesquisador deve registrar, refletir, e somente após tudo isso pode interferir na realidade, devendo estar preparado e aberto para uma grande variedade de problemas teóricos.

Segundo Blaxter (2002), o Estudo de Caso é feito utilizando alguns métodos combinados que podem ser observações pessoais que dependendo das situações ou necessidade pode vir a ser feito usando a participação do pesquisador. O pesquisador participa do cotidiano do pesquisado. Também pode fazer uso de informantes que proporcionem dados, sejam estes atuais ou antigos (históricos), e pode também valer-se de entrevistas diretas, de busca e estudo de documentos valiosos para a documentação da pesquisa, seja de fontes particulares, do governo local como cartórios e prefeituras ou do governo nacional, etc.

Blaxter (2002) também exemplifica o Estudo de Caso e diz que ele é Perfeito quando se vale da “História de Vida”. O pesquisador escolhe ou seleciona a pessoa adequada ao seu estudo e esta irá lhe proporcionar o relato minucioso de sua vida. A pesquisa será realizada somente pelo pesquisador que esmiuçar a vida do pesquisado e não perturbará ou necessitará de outras pessoas. O foco será somente aquela pessoa em questão.

O Estudo de Caso é uma modalidade ou estratégia de pesquisa que não se preocupa com os métodos usados na investigação, mas pode-se dizer que seu foco principal são os casos individuais.

De acordo com Mazzotti (2006), o Estudo de Caso pode dividir-se em três tipos:

Estudo de Caso Intrínseco: É realizado porque há um interesse real pelo caso e não porque trate de um problema particular, por exemplo.

Estudo de Caso Instrumental: Feito quando se acredita que poderá proporcionar e facilitar a compreensão de algum problema mais amplo.

Estudo de Caso Coletivo: Feito quando há a necessidade de se estudar alguns casos juntos ou conjuntamente.

Segundo Mazzotti (2006), pode-se dizer também que o Estudo de Caso é um método utilizado na pesquisa empírica que busca um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, natural, onde contexto e fenômeno se confundam. Por isso, muitas vezes o pesquisador precisará participar e vivenciar o cotidiano do pesquisado, para que possa perceber e captar todas as evidências que necessitará para a pesquisa.

Percebe-se, pela leitura dos autores acima, que o Estudo de Caso pode trazer problemas para o aluno, estudante, pesquisador, em relação à real identificação de um Estudo de Caso, já que muitos pensam que essa modalidade de pesquisa é mais fácil de ser realizada, por lidar somente com uma pessoa ou poucas unidades. Portanto, precisa-se estar atento, todo processo de produção de conhecimento científico precisa ser sério, relevante, confiável e exige que o pesquisador se mostre familiarizado com o que se propõe a fazer.

Esta pesquisa utilizou-se do método do Estudo de Caso, seguindo os procedimentos de entrevista semiestruturada feita aos gestores das escolas selecionadas, mediante um questionário previamente estruturado, e também de uma conversa informal durante a realização da entrevista, ocorrendo também uma visita a todas as escolas pesquisadas.

A pesquisa em questão foi realizada em escolas públicas, e houve uma preocupação em escolher escolas localizadas no centro da cidade de Santa Maria, e também escolas da periferia, como, por exemplo, uma escola localizada nos arredores da Cohab Santa Marta, para que não ocorresse nenhuma discriminação a locais ou clientela de menor poder aquisitivo, presumindo que poderíamos encontrar índices de maior violência em escolas públicas da periferia ou que tivessem comportamentos distintos em relação a violência intitulada *bullying*.

Duarte (2006) defende em uma pesquisa feita em escolas em Recife que a problemática da violência escolar não deve ser desvinculada dos altos índices de pobreza e desamparo político que vive grande parte da sociedade brasileira. Também diz que a perpetuação da exclusão econômica, cultural, afetiva, entre outras, é fruto de uma ordem social que vem passando por intensa competitividade oriunda do capitalismo. Para que não houvesse lapsos em relação à falta de informações geradas pelo fato da não escolha de escolas localizadas na periferia, consideradas como violentas, houve então a preocupação e a busca por escolas que se enquadravam nessa caracterização.

As visitas foram previamente agendadas, e feitas principalmente no turno da manhã. Houve dificuldade de manter-se o contato com os gestores, já que na totalidade de escolas pesquisadas verificou-se falta de pessoas ou funcionários

para as atividades necessárias em uma escola. Todas declararam essa defasagem, as escolas ou não possuem orientador, o coordenador faz o seu papel e mais o de orientador e supervisor, e também todas, sem exceção necessitam vigilantes para o portão e para as outras dependências, principalmente pátio e arredores.

Os contatos, as entrevistas, enfim, os encontros, foram feitos nas dependências das escolas. Assim, tentou-se manter uma conversa informal apesar das perguntas ou questionário que tinha sido organizado para que a pesquisa pudesse acontecer ou ser conduzida em todas as escolas da mesma forma. Houve interrupções em função dos problemas ou chamados a esses gestores em questão, no momento das entrevistas, e assim foi-se dando os encontros.

Em algumas escolas, foram necessárias duas ou até três visitas, dadas a dificuldade de se manter a entrevista em sua totalidade devido as inúmeras interrupções, como já foi mencionado anteriormente, apesar desses encontros terem sido previamente agendados, combinados e acertados. Acredita-se que isso faça parte das dificuldades encontradas pelo pesquisador em geral, mas é conveniente comentar já que para a pesquisa em educação qualquer informação oriunda de uma pesquisa feita em uma escola seja relevante.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos nós sabemos que o *bullying* pode ter estado presente anteriormente nas escolas, já que se pode considerá-lo como um sinônimo do preconceito que existe desde que o homem vive em sociedade. Porém, somente há pouco mais de trinta anos começou a ser pesquisado, estudado e tratado sob parâmetros psicossociais e científicos, e foi nomeado da forma pela qual é conhecido atualmente. Em função dessa lacuna, ou desse tempo que este fenômeno foi considerado como “brincadeiras aceitáveis ou normais” entre crianças e adolescentes, deu-se um atraso na questão de identificação e enfrentamento do problema.

A ação das escolas ainda está em uma fase muito inicial, já que ainda não existem muitos estudos e pesquisas científicas sobre o problema. Fala-se muito na mídia, mas cientificamente ainda não temos grandes descobertas. Ainda encontramos escolas que negam o problema, há comodismo, fala-se muito, mas na prática acontece pouco, sem falar na falta de apoio e estímulo à educação em nosso país.

O *bullying* se apresenta como um comportamento prejudicial ao desenvolvimento educacional, já que acarreta situações de desrespeito, vergonha, medo e insegurança. Portanto, ele necessita ser combatido.

Professores não deveriam preocupar-se somente com cronogramas de conteúdos e tarefas. A violência é um problema inserido em nossa sociedade, conseqüentemente, ela está dentro da escola, e deve ser tratada como um problema grave.

Segundo Galvão e outros (2010, p.437) “A Escola é autora, vítima e palco de violência”. Por isso, deve-se buscar e disponibilizar espaços para que vítimas e agressores possam falar de seus problemas emocionais, temores, angústias, discutindo e refletindo para buscar sempre o caminho da não violência.

Após a visita às escolas, entrevistas e diálogos com os gestores, percebeu-se primeiramente, certo grau de dificuldade de acesso a essas pessoas. A realidade e o cotidiano de uma escola pública é bastante atribulada, já que em todas as escolas pesquisadas foi evidenciado a falta de profissionais para os cargos de gestão, ou faltam orientadores ou supervisores, enfim

gestores acumulam funções e tarefas. Assim, há atividades ou acontecimentos que não são premeditados anteriormente pelos gestores e, precisam então ser solucionados.

Por isso, muitas vezes, precisou-se esperar e transferir os encontros agendados, porque a diretora ou coordenadora – o gestor – em questão precisava fazer um atendimento que não havia sido agendado.

Sem falar na evidente falta de disponibilidade. Não foi encontrado nenhum gestor que se negou a responder o questionário ou conversar com o pesquisador, mas notou-se muitas vezes que a tarefa era passada para o colega ou houve tentativas de adiamento. Enfim, houve dificuldades para o levantamento e coleta de dados.

A coleta de dados deu-se através de um questionário previamente elaborado pela pesquisadora, e foi desenvolvido através de uma conversa, onde a pesquisadora realizava a pergunta e o gestor a respondia sem interrupções do entrevistador. Essas respostas foram transcritas na sua íntegra para que a análise dos dados pudesse ser totalmente fiel ao que estava sendo pesquisado.

Das perguntas e respostas, organizaram-se tópicos que poderão ser observados a seguir e que relatarão o que acontece, e os procedimentos dos gestores nas escolas pesquisadas de Santa Maria.

4.1 O conhecimento do *bullying*

Como já era de se esperar, devido à exposição quase que diária, do tema, na mídia, todos os gestores entrevistados já tinham conhecimento de tal fenômeno social, e não tiveram nenhuma dificuldade em definir os tipos de *bullying* que acontecem atualmente.

Segundo a gestora da Escola número 4, os tipos de *bullying* são: “agressão física, psicológica, *cyberbullying*, e são ações repetitivas e intencionais praticadas por um indivíduo em relação a um grupo de indivíduos, ou um indivíduo busca intimidar ou agredir o outro. Também salienta insultos, ameaças, agressões morais, isolamento, chantagens, etc”.

Dessa forma, a prevenção poderá tornar-se mais eficiente, já que não há estranhamento da temática por parte dos gestores. Também, há gestores que

relataram trabalhar com o fenômeno muito antes de ele ser denominado desta maneira, mas por parte do mesmo perceberam-se notas de pessimismo e desânimo ao relatar que após muitas práticas de conscientização ainda há muito a ser feito. Apesar de ser um tema cativante, percebe-se o aluno muito interessado em assistir a filmes, documentários, depoimentos, palestras, etc., mas da mesma forma que há o interesse, a violência latente no interior dessas pessoas fala mais alto e, assim que não estão sob vigilância, voltam a praticar esses atos, como se não houvessem assimilado nada das informações passadas pelo gestor na escola.

Na Escola número 2, foi encontrado um projeto chamado de “Liderança”, lançado por uma orientadora do turno da noite, que busca envolver gestores, professores, alunos, pais e funcionários no combate à violência.

Pode-se perceber, então, que estão sendo adotadas medidas preventivas ao combate da violência. Entretanto, na escola número 5, a gestora pesquisada relatou que em seu estabelecimento de ensino, a Escola em questão, o *bullying* não acontece mais desde o início do ano letivo de 2011, quando se passou em todas as salas e se fez uma ampla exposição do problema, inclusive dos aspectos legais, e que sua escola é tranquila e sem problemas de violência. Otimismo, desconhecimento ou negação?

4.2 *Bullying*: Ambientes e Momentos.

Como a pesquisa deu-se com gestores de escolas públicas, claro fica que o ambiente focado será o da própria escola. Assim, segundo os entrevistados, o pátio foi o local mais citado onde frequentemente ocorrem casos típicos de *bullying*. Também, mas com menos intensidade foram citados corredores, ginásio (na prática das aulas de Ed. Física) e arredores, que são locais onde praticamente não há vigilância.

Na Escola número 3, a gestora relata: “Na aula de educação física, momento em que os alunos estão mais soltos em atividades mais competitivas, evidencia-se um comportamento mais agressivo e o uso de muitos palavrões”.

Notou-se, também, que os gestores enfatizam o problema da falta de vigilantes. Não há pessoal para vigiar portões e monitorar o recreio, momento

onde mais se dá a prática do *bullying*. Segundo os gestores, eles próprios e os professores também necessitam do recreio, é o momento do cafezinho, onde eles podem descontraír um pouco, relacionar-se com os outros colegas, enfim, onde acontece interação e descontração.

É o momento do descanso, e esse é necessário. Percebeu-se então que tanto o gestor como o professor admitem que o maior problema é a falta de vigilância. Se o aluno estiver sendo vigiado ele será inibido para a prática, já que, segundo a gestora, na escola número 2, “O adolescente precisa de um controle, ele quer esse controle, porque é uma forma de atenção para com eles”.

4.3 Nível de preocupação

Todas as escolas foram enfáticas no momento de afirmar que se mostram muito preocupadas com o problema do *bullying*. Afirnam que sempre há uma situação de encaminhamento para a conversa, aconselhamento e mediação. Na Escola número 3, a gestora relatou que “em ocasiões mais evidentes de violência física, procura-se a ajuda da brigada Militar e também, há o relato aos pais que são chamados à escola para terem ciência do ocorrido”.

4.4 Regimento Interno, PP e *Bullying*

Regimentos Internos e PPs, não são formulados todos os anos, muito pelo contrário, já que a mudança dos mesmos requer muito tempo para discussão e aprovação. Assim sendo, em função do fenômeno *bullying* ser relativamente novo, em relação aos olhos da ciência, as escolas não apresentam tal termo em seus regimentos e PPs.

Na Escola número 1, encontrou-se uma gestora extremamente preocupada com o problema da violência. Porém, em sua escola, o PP está em fase de reformulação e, segundo seu depoimento, ainda não existe nenhuma lei dentro desses documentos que normatize e estabeleça procedimentos apropriados para o combate ao *bullying*. Ainda conforme a gestora, esse tipo de violência sempre existiu, mesmo que sem essa denominação, por que então não há menções a essa prática?

Encontrou-se, em outras escolas, Normas de Convivência, ou seja, leis que estabelecem padrões de como conviver e de como deveria ser o ambiente no entorno da escola. E as medidas preventivas e possíveis atitudes a serem tomadas no caso da ocorrência de casos de *bullying*? Nota-se, então, que os gestores estão agindo de acordo com seus pensamentos e convicções. Ainda há muito caminho a se percorrido.

Na Escola número 3, a gestora em questão relata que “Em nosso Regimento Escolar e no PP a palavra *bullying* não aparece, pois são de 2007. Estamos reavaliando-os e incluiremos o assunto”. E relatam os princípios de convivência, presentes no regimento, salientando os direitos e deveres dos alunos, que são:

Direitos

- De ser tratado com respeito e sem discriminação de qualquer espécie pelos colegas, docentes e funcionários.
- Encontrar na instituição ambiente favorável à educação integral e de qualidade.

Deveres

- O aluno deverá manter nas aulas atitudes de interesse, participação, respeito, hábitos de boa convivência e busca constante de realização pessoal, fazendo do cotidiano escolar uma prática prazerosa.
- Manter o bom relacionamento com a Direção, os professores, os funcionários e os colegas, assim como todos os membros da Comunidade escolar, demonstrando atitudes de respeito, diálogo e cordialidade.
- Portar-se nos intervalos das aulas, no recreio e em qualquer ponto do estabelecimento com moderação conveniente.

Nessa Escola, a de número 3, os direitos e deveres do aluno estão citados e enumerados convenientemente, mas em caso de não ocorrência dessas normas, qual o procedimento legal adotado? Baseados em quê esses procedimentos são adotados?

Percebeu-se, também, que na Escola número 4, mencionam-se as leis Municipais e Estaduais contra o *Bullying*, mas não há nenhuma referência ao Regimento Interno ou ao PP.

4.5 *Bullying* ou Brincadeira?

Os gestores pesquisados, em sua maioria, declararam não sentir dificuldades em distinguir “brincadeiras aceitáveis” de agressões verbais que poderiam ser *bullying*. Na Escola número 5, a gestora afirma categoricamente que em sua escola não acontecem casos de *bullying*. Segundo ela, depois que os alunos foram informados no início do ano escolar de 2011 sobre esse tipo de violência e as consequências, os casos de xingamentos e apelidos não aconteceram mais. O ambiente da escola tornou-se mais tranquilo, não aconteceram problemas maiores, já que os alunos são da vizinhança, bairro de classe média e classe média baixa. Portanto, com índices de violência baixo.

Entretanto, dando sequência a sua fala, percebe-se certa incoerência, quando afirma que “quando acontece um problema, a vítima é encaminhada ao orientador, e é aconselhado a “não dar bola”, ou seja, o problema é minimizado.

Não acontecem casos de *bullying*? Ou estaria ocorrendo um problema de identificação ou negação?

Assim, não se sabe ao certo se casos ocorrem ou não, a frequência e a relativização do problema, não fornecendo dados confiáveis para a tabulação da pesquisa em foco.

Por outro lado, na grande maioria (as outras 5 escolas) os gestores afirmam e ratificam a dificuldade que aparece nos alunos. São eles que, na maior parte dos casos, ainda não sabem identificar e diferenciar simples brincadeiras não intencionais com casos de *bullying*. Na maioria das vezes, sofrem calados, já que não sabem como defender-se e não estão acostumados a buscar ajuda, além de sentirem muita dificuldade de falar e contar o que está acontecendo.

Na Escola número 2, a gestora relatou o Projeto de Inclusão feito em sua Escola: eles têm cerca de 240 alunos inclusos, com casos de Síndrome de Down, Déficit de Aprendizagem, etc., e salientou que na inclusão se trabalha a

questão das diferenças, sendo então propício para a prevenção do *bullying*, e também na busca do respeito mútuo.

Na escola número 3, a gestora explica que “Geralmente o adolescente diz que começaram com galinhagem e que o outro não soube dar continuidade à brincadeira. E o aluno não quer ser punido, então para ele tudo é brincadeira.”

Talvez aí resida a maior dificuldade para o gestor/professor. Ensinar a olhar para o outro. Conscientizar o aluno que “brincadeiras” poderão ser transformadas em agressões morais que farão danos psicológicos e minarão a autoestima de seus colegas.

4.6 O papel do Gestor: Ação, Reação e Prática diante do *Bullying*

O posicionamento desses gestores pesquisados em relação ao problema da violência/*bullying* é a mesma ou muito parecida na totalidade das entrevistas. Todos eles salientam a necessidade de mostrar a realidade da violência e repudiam a prática. Coíbem, alertam, conversam. Como depoimentos colhidos: na Escola número 3, “Não deixo passar nada”, e na Escola número 2, “Reajo sempre de forma a ir contra, temos que mostrar para esse aluno, ou pelo menos tentar mostrar a ele o certo e o errado”. Em uma das escolas fala-se da parceria com o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDEDICA), que atua com o Programa de Prevenção à Violência (PPV) e a Promotoria da Infância e Adolescência.

Também, relatam e enfatizam que chamam e alertam a família, mas que nem sempre a família pode ou quer ajudar. Alguns gestores relataram aqui o grande problema da ausência da família que, na maioria das vezes, transfere a responsabilidade total da educação para a Escola. Entretanto, pergunta-se: como a escola pode desempenhar o papel da família? Crianças e adolescentes já vêm com grande parte de sua personalidade moldada e construída dentro do entorno familiar e desenvolve na escola aquilo que vivencia ou já vivenciou junto a seus familiares. Por mais que a Escola tenha a responsabilidade de educar, há coisas que somente poderão ser feitas dentro da família.

Entretanto, o problema da desestruturação da família, filhos que são muitas vezes criados por um só pai, avós, tias, vizinhas ou irmãos maiores terão carências afetivas que se refletirão em sua personalidade, e isso não há como negar. Há também o problema das frágeis referências morais, distorção de valores, dificuldade no estabelecimento de limites, violência doméstica, etc.

O papel do gestor vem sendo submetido a um grande processo de modificações, reflexo das constantes mudanças na sociedade, gerando novos desafios, novos comprometimentos e claro, muitos obstáculos. Por isso, cada vez mais, gestores necessitam conhecer as causas e consequências do grande problema da violência para, buscar soluções e evitar o agravamento e disseminação do fenômeno *bullying*, passando do âmbito individual para o coletivo.

O fortalecimento emocional e profissional garantem melhores condições e possibilidades para a sua luta diária. O conhecimento desses educadores proporcionará um melhor controle das situações de violência e evitará ou contornará o conflito. Assim, uma importante estratégia é a de potencializar sua capacidade de motivar seus alunos e tentar de todos os modos despertar seu interesse pela busca do conhecimento, instigá-lo a crescer e buscar um futuro melhor. Afinal, sem conhecimento não há desenvolvimento. Esse é o verdadeiro papel do gestor/professor, superar os problemas oriundos da violência e conscientizar essas crianças e adolescentes que um futuro melhor só será possível através da busca do saber.

4.7 Problemas Psicológicos X *Bullying*

Há divergências nas entrevistas em relação à ocorrência ou não de problemas psicológicos no praticante de *bullying*. Na Escola número 1, a gestora salienta o problema da violência no entorno familiar (casa, vizinhos, rua, comunidade), que acarretaria transtornos psicológicos que levariam esse aluno a transportar para o interior da escola a violência que ele vivencia em casa. Ao mesmo tempo, faz referência a falta de material humano para tratar com o fenômeno, já que a Escola não possui Orientador/a (psicopedagogo), que seria a pessoa mais indicada para lidar com os transtornos psicológicos e carências

emocionais. Também, faz referência a falta de Educadores Especiais. Portanto, apesar da estrutura física estar montada e capacitada, há problemas que dificultam e entram a solução do problema.

Na Escola número 2, a gestora relata categoricamente que existem problemas psicológicos relacionados ao *bullying*. Segundo ela “Tem tudo a ver. O aluno reproduz o que tem em casa, na rua, com quem convive, ele é um reflexo de toda a sociedade, até como uma forma de pedir socorro, muitas vezes essa criança ao agir de uma forma muito agressiva só está chamando atenção para seus problemas”. Ainda, afirma que, na maioria das vezes, eles não sabem como chegar e expor seus problemas, não sabem como pedir ajuda.

Entretanto, as gestoras, na Escola número 3, afirmam que o *bullying* não é resultado de problemas psicológicos e sim de problemas de educação e de falta de limites. Ressaltam que a família repassa para a Escola a função de ensinar regras básicas de boa convivência. Então, o problema residiria na família que está ausente, pais que trabalham o dia todo, estrutura familiar precária, na maior parte das vezes vivem somente com um dos pais ou avós ou familiares.

Não foram relatados, nas entrevistas, casos ou diagnósticos significativos de problemas mentais relacionados ao *bullying*. Portanto, o que fica evidente na pesquisa é o problema da falta de assistência da família para as crianças e adolescentes.

4.8 Papel da Escola X Papel da Família

Sabe-se que há violência em todas as camadas sociais, nas mais pobres, em função da desigualdade social, e nas mais abastadas também, já que a violência entra nos lares através da televisão e internet, por exemplo, por isso é muito difícil pensar em uma Escola sem violência. Em função disso, é preciso trabalhar e lutar para que ela seja minimizada. Essa deve ser uma das prioridades da Escola.

Gestores precisam estar atentos ao problema da violência, devem sempre estar informados ou na busca da informação, se aprimorando. Na Escola número 1, a gestora relata: “Sabemos que ainda acontecem casos de professores que praticam *bullying* com seus alunos, e de pais que também o

praticam”. Na Escola número 3, as gestoras concordam que a Escola não pode ou não deve assumir as responsabilidades da família, mas acrescentam: “Muitas vezes ela não existe!” Isso faz que a Escola carregue toda a responsabilidade. Elas comentam também, o Programa Mais Educação, que deve abrigar o aluno em turno integral e que está oferecendo muitas atividades de apoio a seus alunos. Ideal enquanto projeto, mas inexistente nesta escola, já que ela não tem espaço físico para receber todos os seus alunos o dia inteiro.

Portanto, pode-se concluir que o papel da Escola primeiramente seria o de socialização, não admitindo ou tentando coibir todo o tipo de violência, ensinando e mostrando que existem diferentes tipos de ambientes e que o comportamento deve ser adequado a todos eles. Segundo as palavras da gestora da escola número 3: “Acredito que se educa através do exemplo”.

4.9 *Bullying*: Carências e Problemas da Educação em nosso país.

Em função da realidade educacional em nosso país, poderíamos nos perguntar como fica o problema do *bullying* diante da falta de recursos financeiros, da falta de estímulo aos professores, da violência de todos os tipos, etc. Ele é realmente importante?

Os gestores entrevistados foram unânimes em relatar que a violência é um problema gravíssimo. A Escola não pode e não deve perpetuar a violência. Conforme relato da gestora da Escola número 3 “Nós, professores, temos isso bem claro: o ensino da convivência é primordial!”

4.10 Sujeito e Escola: dificuldades no enfrentamento do *bullying*

Segundo as entrevistadas, as maiores dificuldades da Escola em relação à prevenção e combate ao *bullying* estão na falta de material humano: faltam orientadores/as, psicopedagogos, vigilantes, monitores para o recreio e atividades fora da sala de aula, etc. Isso se reflete tanto no tratamento e prevenção como no combate a violência.

Ora, se não há pessoal preparado e capacitado para trabalhar com os casos ocorrentes de violência/*bullying*, para tratar da vítima e do vitimizador,

quem se encarrega do problema trabalha com os poucos recursos que tem. Se faltam monitores no pátio na hora do recreio, significa que os alunos não serão coibidos. Portanto, ocorrerão mais casos e mais violência, já que violência gera violência. Esses ambientes que são mais propícios para a prática precisam ser preservados, isso daria mais tranquilidade aos gestores e professores e também às famílias.

As dificuldades relatadas pelos gestores como suas, residem novamente na ausência da família. “Nossos adolescentes sobrevivem sozinhos”. Entrevista na Escola número 2.

Na entrevista da Escola número 3, a gestora comenta como uma das dificuldades dos gestores, o despreparo para lidar com a violência proveniente das drogas. “É complicado lidar e controlar o aluno drogado. E, nem sempre estamos dispostos. Muitas vezes nossos próprios problemas também interferem em nossas atitudes com esses alunos. Como administrar isso? Nos falta suporte técnico. Teríamos que receber treinamento com psicólogos, assistentes sociais, polícia, médicos, etc”.

Portanto, esses gestores fazem o que é possível e o que conseguem com os poucos recursos que têm. Ainda estão tateando e brigando sozinhos contra um problema que segundo eles pode muitas vezes ser gravíssimo. Segundo a gestora da Escola número 1, só deveria estar nessa profissão educadores por vocação e convicção, já que nesse país não há valorização para a profissão de educador. Por isso, quem veste e assume esse papel por última opção não conseguirá lidar e trabalhar com os problemas que estão aí atualmente.

Concluiu-se também que não há diferenças em relação à ocorrência de *bullying* em escolas da periferia ou do centro da cidade de Santa Maria. Segundo as gestoras pesquisadas, o problema da violência está presente em todas as classes sociais devido à facilidade que a criança ou adolescente têm de manter contato com o que acontece a sua volta. Esse adolescente pode até não conviver em casa com a violência, mas terá contato com ela através dos meios de comunicação que estão a disposição em seu dia-a-dia.

Salvo o depoimento da gestora da Escola número 5 que afirmou que em seu colégio não há violência, já que a clientela é oriunda da vizinhança, bairro que segundo ela não há problemas de grandes carências econômicas. Pode-se

pensar, então, que segundo essa gestora violência estaria vinculada aos problemas de desigualdade social e pobreza. Será?

4.11 Rumos da Educação: prioridades estratégicas

As gestoras entrevistadas não foram nem um pouco otimistas em relação aos rumos da educação em nosso país. A gestora da Escola número 3, relata que tudo deveria ser mudado na educação no Brasil. Quando um educador é tão enfático assim significa que sua decepção com o seu entorno profissional é grande em demasia, ou pode-se dizer, desproporcional. Essas gestoras enumeram uma quantidade enorme de problemas, tais como:

- Escola em turno integral para todos. De nada adianta o MEC pressionar para que as Escolas aceitem o Programa Mais Educação, porque os problemas esbarram no âmbito municipal, ou seja, o município não tem dinheiro para contratar mais profissionais, então, como manter esses alunos em turno integral sem profissionais para assisti-los?
- A escola ainda continua muito tradicional. O sistema de avaliação (aprovação e reprovação) ainda é de 200 anos atrás.
- Alta carga horária diante de aluno, sobrando pouco tempo e falta de disposição de desenvolver projetos com temas de relevância social, que seriam muito importantes para o desenvolvimento desses alunos como cidadãos.
- Falta de tempo e recursos financeiros para estudar, pesquisar e se aprimorar. Professor de escola Pública não tem dinheiro para ir ao teatro e ao cinema...
- Educação implica nível cultural. Professores que ganham salários miseráveis muitas vezes não conhecem muito bem nem a cidade onde vivem, quanto mais o resto do país. Sem falar que a grande maioria trabalha em duas ou três escolas para conseguir sobreviver dignamente. Como esses professores conseguirão se informar da realidade e problemas de seus alunos?

Segundo as palavras de uma das gestoras: “Precisamos de valorização! Claro, que se sabe que muitos precisam ser conscientizados de seu papel.

Muitos professores ganham demais para o pouco que fazem. Mas isso está presente em qualquer profissão”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, sabe-se que a Escola é o lugar mais importante do mundo externo ao lar onde um ser humano se educa, se lapida, cresce, descobre e constrói. Portanto, a segunda via na construção das relações humanas ou da socialização.

A Escola tem um papel muito significativo na construção desse ser humano, considerado o tempo em que os alunos ficam nesse lugar e a qualidade das relações de professores e alunos, que têm a possibilidade de enriquecer cada vez mais o seu crescimento. Professores e alunos aprendendo uns com os outros, em uma troca constante.

As escolas acabam tomando para si muitos compromissos na educação e na formação dos alunos, por isso, é preciso que gestores e professores tenham consciência de sua tarefa de formação integral do indivíduo.

Entretanto, não se pode falar de *bullying* sem pensar também na família, já que ela é o primeiro referencial de humanismo que dá a base das relações humanas aos seus filhos. É da família que vem o afeto primordial e necessário para a segurança interna de cada um. Mesmo que se saiba que estas famílias já não podem ser vistas como as tradicionais, de antigamente. Podem ser famílias reconstituídas. O modelo tradicional dos dois cônjuges (homem e mulher) mais os filhos, muitas vezes já não existe mais. Cada vez mais outros componentes como avós, tios, vizinhos ocupam o lugar dos pais, que por infinitos motivos já não conseguem assumir suas funções. Mas, infelizmente, a família não está mais conseguindo dar conta de seu papel.

Muitos pais estão confusos com sua função, muitas vezes necessitam compensar ausências em função do trabalho e outras culpas, e por isso são permissivos demais, não impondo limites necessários e crianças e adolescentes necessitam de referências e afeto.

As relações entre pais e filhos devem misturar limites e afeto com orientações objetivas. Os jovens precisam ser respeitados em seus espaços, mas também monitorados e orientados. Eles necessitam e querem limites. Jovens precisam, ainda, receber afeto e elogios, construindo a base de sua autoestima e segurança para a vida. Porém, a família não pode deixar de

ensinar valores éticos e de respeito a diferenças individuais, sejam por conversas ou exemplos.

Pode-se relatar, então, após a pesquisa e leitura de todo o material coletado, após as entrevistas e conversas com os gestores em visitas as seis escolas citadas que as instituições estão bastante atentas e têm conhecimento do problema, já que estão conscientes de que a manutenção desse comportamento pela falta de limites gerará déficits no desenvolvimento moral de jovens e poderá implicar uma falta de humanização, solidariedade e, também, num aumento e reforço do preconceito e da exclusão.

Segundo os gestores pesquisados, a preocupação com o tema é enorme, não foram encontradas diferenças entre visões dos gestores quanto ao fenômeno do *bullying*, todos eles estão muito preocupados e cientes. Entretanto, admitem que a Escola ainda não está preparada para lidar com o problema. Faltam informações e apoio de políticas públicas, já que faltam ou quase que não existem profissionais especializados nas instituições. Essa é, segundo os gestores, a maior dificuldade enfrentada nas escolas: falta de material humano, seja para vigiar, no sentido de coibir, ou também para orientação, que seria dada por psicólogos, por exemplo. Cada um faz o que é possível, mas reconhecem sua incapacidade em muitas situações.

A Escola é bombardeada com demandas de todos os tipos, e é palco de uma série de comportamentos, motivações, anseios, problemas, carências, num processo nada fácil de administrar. Seria preciso, então, cursos de capacitação para os profissionais das escolas e serviços que pudessem orientar e ajudar gestores e professores a enfrentarem o problema, para que pudessem se proteger, a eles e aos alunos e também encaminhar alunos vítimas ou agressores.

Pode-se dizer que o papel do gestor em relação ao *bullying*, por unanimidade, é o de repúdio, por isso, coíbem, alertam, conversam e, depois, chamam a família. Todos eles têm muito claro que o ensino da convivência é muito importante.

Foram constatadas também, as queixas dos educadores relativas à família, já que, segundo eles, a família repassa para a Escola o dever da educação, e a Escola não se sente capacitada de fazer o papel da família.

Segundo os gestoras citados, os pais precisam passar a seus filhos princípios de educação e convivência, mas muitas vezes eles acabam fazendo o papel dos pais.

Em relação aos PPs e Regimentos Internos as escolas em sua totalidade não apresentam ainda procedimentos, regras, enfim, leis que combatam ou ajudem a prevenir o *bullying*, já que o termo é considerado novo e, portanto, ainda não aparece nesses documentos. Por isso é muito importante que Projetos Pedagógicos e Regimentos Internos sejam estudados, revisados, e adequados a essas situações para que esses educadores possam prevenir e combater com eficiência esse tipo de violência.

6. REFERÊNCIAS

ABRAPIA, Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e adolescência. Disponível em www.abrapia.org.com. Acesso em 20/05/2009.

ARAMIS, A. Lópes Neto. **Diga não ao *Bullying***, 2003. Disponível em: www.observatoriodainfancia.com.br. Acesso em 12/04/2009.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BEST, John W. **Cómo investigar en educación**. Madrid: Ediciones Morata, 2005.

BLAXTER, Loraine; HUGHES, Christina; TIGHT, Malcolm. **Cómo se hace una investigación**. Madrid: Editorial Gedisa, 2002.

BORDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean Claude; PASSERON, Jean Claude. **Ofício de Sociólogo, Metodologia da Pesquisa na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cidadania. Educação Cidadã**, Porto Alegre:SEC, n.2, p. 63-74, 2002.

CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a09v27n1.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

CAMPOS, Herculano Ricardo; CARDOSO JORGE, Samia Dayana. **Violência na escola: uma reflexão sobre o *bullying* e a prática educativa**. Revista Em Aberto. Brasília, v. 23, n. 83, p.107 – 128, março de 2010.

DEBARDIEUX, E. **A violência na escola francesa**: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n.1, p. 163-193, jan./jun. 2001.

DUARTE, Renato. *Efeitos da violência sobre o aprendizado nas escolas públicas da Cidade do Recife*. Recife: Massangana, 2006.

FANTE, Cleo. **Fenômeno *bullying***: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Versus, 2005.

FERREIRA, Carapeto S. Naura. **Formação Continuada e Gestão da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

FERREIRA, Valéria; Rowe, Janaina Fátima; Oliveita, Lisandra Antunes. **Percepção do professor sobre o fenômeno *bullying* no ambiente escolar**. *Unoesc & Ciência – ACHS*, Joaçaba. V. 1, n. 1, p. 57-64, jan./jun, 2010.

GALVÃO, Afonso e outros. **Violências escolares**: implicações para a gestão e o currículo. *Ensaio: aval. Pol. Públ*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 425-442, jul/set. 2010.

GONÇALVES, Wilson José. **Monografia Jurídica**: Técnicas e procedimentos de pesquisa com exercícios práticos. São Paulo: Editora Pillares, 2009.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. **Violência nas escolas**: A mediação do professor. *Boletim 23. Salto para o Futuro*, Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/215810debateviolencia.pdf>. Acesso em 05 de novembro de 2011.

LOURENÇO, Lélío Moura e outros. **A GESTÃO EDUCACIONAL E O BULLYING**: Um Estudo em Escolas Portuguesas. *Interações*. Portugal. N.13, p. 208-228, 2009. Disponível em: <http://www.eses.pt/interaccoes>. Acesso em 15 mar. 2011.

LÜCK, Heloísa. **Gestão Educacional, uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Série: Cadernos de Gestão.

MASCARENHAS, Suely. **Gestão do *Bullying* e da Indisciplina e Qualidade do Bem-estar Psicossocial de Docentes e Discentes do Brasil (Rondônia)**. *Psicologia, Saúde e Doenças*, México, ano/vol. VII, n. 001, p. 95-107, 2006.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **Usos e Abusos dos Estudos de Casos**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p.637-651, set/dez.2006.

MIDDELTON-MOZ, J. ; ZAWADSKI, M. L. ***Bullying***: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MONTEIRO FILHO, Lauro. **Observatório da Infância**. Disponível em www.observatoriodainfancia.bom.br. Acesso em 15/04/2009.

NEJAR, Ana Lúcia. **O *bullying* nas escolas**. Porto Alegre: Jornal Zero Hora., 04 de novembro de 2009.

PERALTA, J; SÁNCHEZ, M.V; TRIANES & J. DE LA Fuente. **Estudio de la Validez Interna y Externa de un Cuestionario sobre Conductas Problemáticas para la Convivencia Según el Profesor**. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Universidad de Málaga y Almería, v. 4, n. 1, p. 83-96, 2003.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Dinalivro, Audil, 2002.

ROLIM, Marcos. ***BULLYING, O Pesadelo da Escola***. Porto Alegre: Dom Quixote, 2010.

SANTOS, Ana Lúcia Felix dos. **GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA**: Bases Epistemológicas, Políticas e Pedagógicas. In: 28^o reunião Anual da Amped,

Caxambu, MG, 2006. Anais eletrônicos, Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GTO5-2114--int.pdf>.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying, mentes perigosas nas Escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SINEPE/RS. **Contra o Bullying**: Apresentação. Disponível em: <http://sinepecontraobullying.blogspot.com/p/apresentação.html>. Acesso em 13 de setembro de 2011.

Space Blog, por blogorama.com.br. Disponível em: <http://bullying.spaceblog.com.br/856302/condenacoes-legais/>. Acesso em 13 de setembro de 2011.

Acesso em 13/março/2011.

WIKIPEDIA . Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/bullying>. Acesso em 14 de setembro de 2011.

APÊNDICE

Questionário destinado aos gestores
1. Você já ouviu falar em <i>bullying</i> ? Sim/Não - Como você define <i>bullying</i> ? Quais os tipos de <i>bullying</i> que você conhece?
2. Como você classificaria o nível de preocupação de sua escola com os episódios de <i>bullying</i> ? a) Muito pouco preocupada b) Pouco preocupada c) Regular d) Moderadamente e) Muito preocupada
3. Você acha que existem ambientes nessa escola mais propícios ao <i>bullying</i> ? E quais os momentos mais propícios na escola para a prática de <i>bullying</i> ?
4. Você sabe informar se na sua escola existe algum tipo de lei no Regimento Interno que trate do <i>bullying</i> ? Sim/Não
5. É difícil para você distinguir brincadeiras aceitáveis de agressões verbais que poderiam ser <i>bullying</i> ? Sim/Não
6. O que você faz, como reage, qual a sua prática diante do diagnóstico de <i>bullying</i> ? Enfim, qual o papel do gestor/professor diante do <i>bullying</i> no interior da escola?
7. Você acredita que todo praticante de <i>bullying</i> tem problemas psicológicos? Se a resposta for afirmativa – Como a escola lida com isso? Existe algum programa de encaminhamento psicológico?
8. Existem hoje alegações de que a escola não pode tomar a si a responsabilidade que a família não assume, mas não podemos esquecer que ainda é dentro da escola que os jovens passam a maior parte de seu tempo. Como você acredita que o gestor/professor pode ajudar seus alunos? Qual é realmente o papel da escola neste problema do <i>bullying</i> ?
9. Sabemos hoje que a realidade das escolas públicas brasileiras vive em sua grande maioria falta de recursos financeiros, falta de estímulo aos professores, violência de todos os tipos, crianças que frequentam escolas somente pela

merenda escolar. Como fica o problema do <i>bullying</i> diante disso tudo?
10. Quais são as maiores dificuldades da sua escola para tratar com esse problema? E qual é a sua maior dificuldade para enfrentar os problemas de violência que acontecem ou possam acontecer ainda no futuro?
11. Você acha que o <i>bullying</i> propicia um desafio à educação? Sim/Não (Comentários)
12. O que você acha que deveria mudar drasticamente na educação em nosso país?

ANEXO

PROJETO *BULLYING* – Desenvolvido pela gestora da escola número 1 –

Objetivo: Conscientizar a comunidade escolar da responsabilidade e do envolvimento de cada um no aprimoramento dos relacionamentos intra e interpessoais, minimizando comportamentos inadequados que promovam a discriminação.

Público Alvo: Alunos, professores, funcionários e famílias.

Descrição: Escola é lugar de conviver com crianças, adolescentes, lugar de gente, de tolerância, afeto e aprendizagem. Hoje a mídia parece ter acordado da importância de divulgar, debater e esclarecer este tema.

Nossa escola vem trabalhando há mais de cinco anos sobre esta prática perversa. Portanto, não temos sido omissos com atitudes de deboche, agressões físicas e verbais, humilhações, apelidos, intimidações, etc.

Há cerca de 15 anos essas provocações passaram a ser vistas e ganharam o nome de *BULLYING*. Temos consciência que a violência é hoje uma das principais preocupações da sociedade, atingindo a vida e a integridade física de nossos alunos. Sendo assim, temos o dever de trabalhar com os professores e alunos, através da conscientização da gravidade desta prática intencional e repetitiva através de FILMES, VÍDEOS, MATERIAIS DIDÁTICOS, CARTAZES, PALESTRAS E DEPOIMENTOS DE VÍTIMAS DE *BULLYING*.

As novas tecnologias têm auxiliado, mas também tem dado nova cara ao problema. Este contato também faz com que àqueles que praticam, sem motivação específica, utilizem e-mails, sites de relacionamento, torpedos para suas vítimas, batizados de *CYBERBYLLYING*. Identificamos nestes espaços virtuais, os xingamentos e provocações que estão atormentando as vítimas.

É papel da escola identificar e agir, pois os estragos são enormes. Neste momento, basta sair um pouco do padrão (alto, baixo, gordo, magro) para ser provocado.

Nossa escola está ciente de que é preciso um acompanhamento permanente para afastar as agressões cotidianas.

Em 2007, a Coordenadora desta escola, pesquisou um amplo material, participou de um Seminário Internacional, em Brasília, sobre Violência Escolar.

Fez várias leituras sobre o tema, entrou em contato com DANIELA VUOTO (hoje uma jovem de 22 anos, gaúcha, que sofreu *bullying*, mas conseguiu dar a volta por cima), que atualmente cursa Pedagogia, tendo criado um blog que auxilia e alerta pais e professores.

Mesmo sendo frequente na Escola, impicâncias, agressões verbais e físicas, não temos nos omitido, muito menos aceitamos espectadores e plateia que não saem em defesa da vítima.

Na busca pela solução ou prevenção trabalhamos com os professores, alunos e pais o “ENSINAR A OLHAR PARA O OUTRO”, criando relacionamentos saudáveis, em que colegas tolerem e respeitem as diferenças com senso de proteção, pois como educadores somos exemplo.

Mostramos limites, estabelecemos normas, identificamos comportamentos, queixas, sondamos e agimos.

Sabemos que o primeiro passo para combater o *BULLYING* é o reconhecimento pela sociedade, pais, alunos, professores e a Escola que ele existe, é danoso e não pode ser tolerado. As consequências são visíveis: baixa auto-estima, dificuldade de relacionamento e no desenvolvimento escolar, fobia escolar, tristeza, depressão e, em casos mais graves, o suicídio. Assim não aceitamos o “argumento” do agressor que é “brincadeira”, pois ela não tem graça, uma vez que machuca.

Somos, então, uma escola que independente da lei 13.474/2010 viemos fazendo nosso papel, não conteúdista, mas de quem sabe da importância de trabalhar tudo que envolve nossos alunos com comportamentos sociáveis, potencializando hábitos e habilidades que contribuam na sua formação de cidadãos de bem.

AÇÕES DESENVOLVIDAS PELA ESCOLA

- Conhecimento e definição da expressão *BULLYING*;
- Elaboração e fixação de cartazes sobre a campanha em todas as dependências da Escola;
- Reunião com a Comunidade Escolar explicando conceitos e solicitando sugestões para o desenvolvimento deste trabalho;
- Exibição de filmes que valorizem o respeito pelas diferenças;

- Dramatização de situações de *BULLYING*;
- *Palestras que tratem sobre o tema BULLYING*;
- Depoimentos de pessoas que já sofreram *BULLYING*.

CONCLUSÃO

Temos convicção que o combate a prática do *BULLYING* é uma importante colaboração na construção de uma sociedade diferente, justa e menos desigual na busca incessante pela justiça e pelo respeito à dignidade humana.

BIBLIOGRAFIA

- Revista Capricho;
- Viviane Avelino Marcelos – “A Violência Escolar”;
- Daniela Vuoto – “*Bullying* entre adolescentes”.
- Cléo Fante – “Violência nas Escolas e Educar para a Paz”;
- Beatriz Santo Mauro – “Violência Virtual”;
- Revista Nova Escola – “*Bullying*”.